

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)  
XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO  
X CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO  
MODALIDADE DO TRABALHO: Comunicação Científica  
GRUPO DE PESQUISA: Ensino de Ética e de Teorias do Jornalismo

## **Fundamentos para uma busca epistemológica de uma noticiabilidade complexa**

**Marcelo José Abreu Lopes<sup>1</sup>**  
**marcelopes@mac.com**

### **RESUMO**

Este breve artigo parte da constatação do esgotamento da prática jornalística (*newsmaking*) de natureza funcionalista-objetivista e do desgaste dos critérios de noticiabilidade aí produzidos. Propõe, em resposta, a busca de uma experiência de mediação que nos leve, a partir de uma Epistemologia Complexa do Jornalismo, a uma mentalidade e a uma prática inovadoras e também complexas, principalmente no que diz respeito aos conceitos de notícia e noticiabilidade.

***Palavras-chaves:*** noticiabilidade; epistemologia do jornalismo;  
experiência; pensamento complexo; mediação

---

<sup>1</sup> Bacharel em Jornalismo, mestre em Ciências e doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professor de Teorias do Jornalismo, Crítica de Mídia e coordenador de projetos laboratoriais impressos na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

## Introdução

Inicialmente compreendido como um mero “espelho da realidade” (TRAQUINA, 2004), o jornalismo e suas expressões discursivas – especialmente a notícia – adquiriram conceituações e instrumentais mais aprimorados ao longo do século XX, mas sem, contudo, abrir mão do racionalismo típico que opera hegemonicamente as visões de mundo na Modernidade. Isso significa que, apesar de uma contínua sistematização teórica e prática mais rígida do *modus operandi* jornalístico, em nome de uma eficácia técnica cada vez mais lapidar – uma forma de obter-se a eliminação das “imperfeições do espelho” –, manteve-se a compreensão fundamental de que a notícia, no caso, tem acima e apesar de tudo essa função de “espelhar”, ou reproduzir o real, racionalizando-o, portanto.

Em termos epistemológicos, a notícia tornou-se uma imagem da ‘razão do mundo’, que por ser assim o significa por si só: *a notícia é o mundo!* O mundo racionalizado e racionalizável é externo; a notícia é uma ferramenta para tê-lo nas mãos, mantendo-o sob algum controle. Poderíamos, assim, dizer que a notícia constituiu-se no resultado de um *experimento* do mundo (BONDÍA, 2002), o que é uma outra forma de dizê-la fruto de um processo de objetivação: um conjunto de regras e procedimentos – uma metodologia – que copia o real-objeto com apregoada isenção, imparcialidade e neutralidade, transformando-o *na verdade*. E a verdade, por resultar de um experimento, é reproduzível. Eis a compreensão histórica de jornalismo e notícia que ainda no século XXI mantém-se forte na cultura profissional das redações e, por que não, por força dessa própria cultura, em muitas salas do ambiente acadêmico, “herança” do paradigma positivista-funcionalista persistente e resistente (MEDINA, 2008).

Mas se o Jornalismo surge como ‘acontecimento’ da Modernidade e, dentro desta, mantém uma “trajetória histórica” com a democracia liberal e o capitalismo (TRAQUINA, 2004), é compreensível que essa trinca (Jornalismo – Democracia Liberal – Capitalismo) compartilhe uma mesma lógica justamente baseada na racionalização-objetivação do mundo. É aqui que funda-se o que podemos chamar de *pecado original* do Jornalismo.

A profissão jornalística nasceu e desenvolveu-se ancorada em ideais iluministas de Liberdade e Verdade e, em uma primeira etapa de seu percurso

histórico, dedicou-se destacadamente à difusão desses valores. Os mesmos valores, entretanto, foram transformados em ideologia – no sentido marxista do termo –, quando apropriados pela burguesia ascendente para legitimar socialmente o seu plano de poder hegemônico. O desejo mítico da Humanidade por Liberdade foi ideologicamente traduzido, então, em Liberalismo (tanto o político, com a democracia, quanto o econômico, com o capitalismo). Na continuidade desse caminho, os jornais se transformaram em indústria – sujeitos à lógica racionalista inerente a qualquer indústria, de qualquer produto; sujeitos também à lógica do mercado e, contemporaneamente, à lógica do consumo (MEDINA, 1988).

A visão da contradição tornou-se inevitável. De um lado, os jornalistas, heróis míticos tomados pelo desejo profundo de Liberdade e Verdade, protagonistas de uma *experiência* chamada *liberdade de expressão*. Do outro, a indústria jornalística, representada na figura dos proprietários desse meio de produção, motivados pela ideologia Liberal, protagonistas de um *experimento* chamado *liberdade de imprensa*. Contudo, a trajetória histórica nos mostra que estes legitimam socialmente seus valores apropriando-se do discurso daqueles, e nele camuflando-se.

À maneira do camaleão, a liberdade de imprensa é traduzida em liberdade de expressão, e vice-versa, de acordo com as necessidades ‘ambientais’. Falsos sinônimos, mas que, por compartilharem desde suas origens um percurso na Modernidade, condenam-se a uma tensa e contraditória convivência, ora aparentemente mais equilibrada, em silêncio, ora mais aguda, sísmica e crítica, como exibe-se nos dias de hoje, desenhando as linhas do movimento pendular da História (CASASÚS, 1988).

Pois foi a conjunção desses vetores que forjou aquilo que podemos chamar de cultura do jornalismo industrial – também chamada de imprensa, ou grande imprensa e, mais recentemente, de mídia tradicional. Essa cultura baseia-se na racionalização da Liberdade (o Liberalismo) e na racionalização da Verdade (o real capturado/objetivado pelo e no “espelho”). Uma outra forma de dizê-lo, derivada da anterior: a racionalização da Liberdade consubstancia-se no processo de produção da notícia (*newsmaking*), a racionalização da Verdade é a própria notícia, ou seja, o produto.

Ao considerarmos o esgotamento epistemológico da notícia racionalizada – como processo –, cada vez mais desgastada por sua gênese contraditória – como produto – (MEDINA, 1996, 1988), mais torna-se necessário estabelecer as distinções entre jornalismo e jornal, bem como entre os valores que permeiam um e outro. Este exercício crítico, entretanto, precisa obrigatoriamente ser feito sob um outro paradigma que não o funcionalista-objetivista da cultura do jornalismo industrial. Caso contrário, a crítica da prática jornalística hegemônica esgotaria-se em si, pois a faríamos a partir da perspectiva do próprio paradigma que se critica – dessa forma, a crítica a tal paradigma só reforçaria a presença dele mesmo.

Neste caso, o ato crítico esgotado em si, que não embute também uma revisão de seu estatuto epistêmico, reduziria-se a uma mera ‘denúncia’ das contradições, falhas e limites do jornalismo contemporâneo – quase como um lamento, que carregaria uma expectativa latente de se descobrir uma forma de contornar tais limitações. Isso, evidentemente, não leva ao principal, que é o rompimento com o paradigma hegemônico. Uma prática realmente inovadora pressupõe uma mentalidade também inovadora.

### **A questão da noticiabilidade**

O conceito de noticiabilidade, à semelhança de outros do campo jornalístico, consolidou-se em coerência com a metodologia objetivista derivada do ideal de reprodução da realidade. Em que pesem as inúmeras contribuições de diversos autores para o tema, descrevendo e/ou problematizando novos critérios e valores, bem como propondo-lhes taxonomias, o quadro geral resultante dos estudos a respeito apenas retrata a cultura profissional constituída na e a partir da indústria jornalística (TRAQUINA, 2005). Isso significa que, no bojo das contradições a envolver Liberdade e Liberalismo, Jornalismo e Jornal, a noticiabilidade ainda compreendida tem muito mais relação com os valores deste – o produto jornal –, em detrimento dos valores daquele – o Jornalismo –, o *ethos* que dá sentido profundo, arquetípico, à profissão, ainda que as aparências impostas pelo discurso ideológico indiquem o caminho contrário.

Mas, se a noticiabilidade guarda tamanha imbricação com as engrenagens da indústria jornalística, a crise do modelo racionalista desta, suas contradições,

com todas as dificuldades daí advindas, inclusive a dúvida sobre a sua sobrevivência até como modelo de negócio capitalista, tal quadro provoca-nos a *pressuposição da própria crise dos princípios clássicos da noticiabilidade*.

Não só a indústria jornalística, especificamente, mas a indústria midiática, de modo geral, tem sido conceituada nos últimos anos como a *mídia tradicional*. A adição deste novo termo – *tradicional* – ao que até então era tratado apenas por mídia, ou indústria midiática, indica a emergência óbvia de uma mídia não-tradicional, chamada de *nova mídia*, e ainda de *mídia convergente*, erguida sobre as tecnologias digitais de última geração.

Não se tratam, entretanto, apenas de uma mudanças técnico-tecnológicas. A estas, correspondem alterações na forma de perceber e operar o mundo, tanto em seus aspectos mais pragmáticos, quanto em níveis mais simbólicos, o que constituiria a emergência de uma nova cultura (JENKINS, 2008). Uma cultura cuja compreensão escapa aos ‘velhos’ princípios racionalistas-objetivistas.

A partir disso, considerando que a convergência midiática é potencialmente um espaço que impulsiona a experiência; que a sua compreensão exige uma epistemologia complexa; que tais experiência e compreensão constroem um novo contexto cultural, inclusive para a prática jornalística, para além das lógicas industriais, de mercado e de consumo da ‘velha’ mídia, é possível colocar a hipótese de que, nesse quadro, os conceitos de noticiabilidade não só podem, como devem ser outros, diversos dos até então sistematizados, o que, em tese, também apontaria um novo norte para a confecção de notícias (um *newsmaking inovador*).

## **Rumo à Epistemologia Complexa do Jornalismo**

No caminho de uma epistemologia do jornalismo complexa, na busca de um *newsmaking* inovador, necessariamente transita-se por uma transdisciplinaridade a envolver os estudos de Jornalismo, Mídia, Educação, Filosofia e Epistemologia.

No campo do Jornalismo, há uma bibliografia estabelecida sobre os estudos de *newsmaking* e noticiabilidade, destacando-se, mais recentemente, aqueles realizados por TRAQUINA (2005) e WOLF (2003). Tais autores, além de apresentarem visão própria do assunto, preliminarmente tomam a instrução de

trabalhos anteriores de outros pesquisadores, como McCOMBS (2009) – Teoria do Agendamento – e SCHUDSON (2010), com seu estudo sobre o paralelismo do desenvolvimento da imprensa norte-americana e o desenvolvimento, nesta, do estatuto da notícia – como processo e produto – e seus valores intrínsecos.

Entretanto, o paradigma epistemológico do Jornalismo dado por este quadro é retrato das concepções objetivistas derivadas do Positivismo e do Funcionalismo (MEDINA, 2008). Este paradigma ganha força durante os séculos XIX e XX principalmente na imprensa norte-americana, e esta influencia decisivamente a brasileira principalmente a partir dos meados do século passado. O fenômeno da globalização, nas últimas três décadas, ao mesmo tempo que difundiu e reforçou tal paradigma, colaborou para tornar mais visível suas contradições internas, principalmente representadas pelos pares Liberdade/Liberalismo (TRAQUINA, 2004), Realidade/Verdade (SPONHOLZ, 2009; MEDINA, 1996; MEDINA & GRECO, 1993), Liberdade de Expressão/Liberdade de Imprensa e Jornalismo/Jornal – sobre este último par, encontramos uma distinção fundamental a partir da intuição oferecida por CHAPARRO (1998):

pois eu penso que jornal e jornalismo são coisas diferentes e não podem continuar a ser entendidos, conceitualmente, como sinônimos. O jornal, coisa concreta, integrou-se por inteiro no mundo dos negócios (...). Jornalismo é mediação crítica, objeto abstrato (CHAPARRO, 1998, p. 155).

Aponta-se, aqui, a necessidade de trabalhar por uma outra práxis jornalística baseada na Epistemologia Complexa. As bases dessa epistemologia nos são dadas por MORIN (2007, 2002), principalmente em suas características mais metodológicas, estabelecendo conceitos aqui abrigados, como *dialogia*, *recursão organizacional* e *princípio hologramático*.

Observa-se que a ideia tradicional de noticiabilidade tende a refletir uma racionalidade cartesianamente dedutora e, por isso, pouco afeita à transformação e à inovação. A consequência é que ela reforça uma imagem do mundo também estável, favorável ao chamado *status quo*.

TRAQUINA (2005) descreve critérios de noticiabilidade oriundas de estudos sobre três momentos históricos diferentes da Modernidade: as primeiras décadas do século XVII, os anos 30-40 do século XIX e os anos 70 do século XX.

A constatação é que, ao longo desses três séculos, “os valores-notícia básicos têm variado pouco”. O autor português também ressalta que

“...uma conclusão geral dos estudos sobre os conteúdos dos media noticiosos é que as notícias apresentam um ‘padrão’ geral bastante estável e previsível.

A previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de critérios de **noticiabilidade**, isto é, à existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham”.

Tem-se, portanto, no compartilhamento dos valores-notícia, um pilar fundamental da cultura profissional jornalística. Como cultura arraigada, tende a se reproduzir por seguidas gerações de jornalistas. Por sua vez, o próprio formato dos critérios de noticiabilidade – uma esquematização previsível – pode ser largamente responsável pela manutenção dessa cultura ao longo das décadas e dos séculos.

Em coerência com a Teoria do Espelho e sua concepção reprodutora da realidade, as categorias pré-definidas de noticiabilidade funcionam apenas como parâmetros de objetivação do que se considera real e verdadeiro, sendo que tais categorias pertenceriam ao mundo natural externo e independente.

O jornalista, nesse caso, como observador objetivo mantido à distância do objeto noticiável, apenas reconhece os fatos como pertencentes ao mundo pré-esquemático pelas categorias da noticiabilidade (processo dedutivo). Mais: tende a ignorar e/ou refutar como parte da realidade e/ou verdadeiro tudo aquilo que não se encaixa à previsibilidade do esquema apriorístico. Em última instância, essa ‘verdade jornalística’ da notícia, cópia da realidade, torna-se um impedimento à compreensão das transformações inerentes ao mundo, sua história e sua cultura, de acordo com a visão complexa.

Nesse sentido, a concepção *dialógica*, a aproximar sujeito e objeto, e os sujeitos entre si, colocando-os em mesmo nível (FREIRE, 1977), rompe com o distanciamento objetivista e insere o jornalista no ciclo construtivo da realidade – um ciclo contínuo e dinâmico de transformação e reorganização; eis aqui a ideia de *recursão organizacional* de MORIN (2007). O jornalista *participa* do processo, o que o capacita a perceber mutações necessárias ao caráter daquilo que é ou deve ser noticiável, em sintonia com as demandas sociais da contemporaneidade. A notícia, assim, torna-se um produto da relação afetiva

entre o jornalista e o mundo cotidiano – eis aqui o *princípio hologramático*, outra ideia de MORIN (2007). Evidentemente, coerentemente com essa perspectiva, não cabem aqui ideias como a de neutralidade (como não-participação), nem de isenção (como sem responsabilidade pela realidade, justamente porque participamos de sua construção).

Do ponto de vista de uma ‘filosofia do cotidiano’ – considerando o cotidiano como objeto fundamental do interesse jornalístico – vemos o contributo à compreensão complexa na crítica epistemológica ao racionalismo concreto e do elogio da razão sensível que nos é dada por MAFFESOLI (2007, 1998, 1996, 1995, 1988). E, se o cotidiano (no caso, um outro nome possível para a realidade) é um objeto a ser mediado, é preciso somar aqui a contribuição de MARTÍN-BARBERO (1996), principalmente no que diz respeito às noções dialógicas e plurais de tempo, espaço, história e público.

Por fim, estas ideias ganham repercussão profunda no campo do Jornalismo e do Ensino de Jornalismo por meio dos estudos de MEDINA (2008, 2006, 1996). Ao fazer a crítica do reducionismo provocado pela mentalidade objetivista, a autora nos chama para a responsabilidade do jornalista em promover uma mediação complexa entre o jornalista, a sociedade e o leitor, capaz de humanizar as pautas e resgatar os desejos mais profundos que fundamentam a prática profissional.

Estes saberes transdisciplinares, por fim, recebem a pedra de toque da ideia de *experiência* que nos é dada por BONDÍA (2002). De acordo com o doutor em Pedagogia pela Universidade de Barcelona, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Crítico da “intercambialidade” dos termos “informação”, “conhecimento” e “aprendizagem”, Jorge Larrosa Bondía diz que “a informação não é experiência”, assim como também não o seria o espaço da “opinião”. A partir disso, ele embute uma crítica direta ao jornalismo:

O periodismo destrói a experiência, sobre isso não há dúvida, e o periodismo não é outra coisa do que a aliança perversa entre informação e opinião. O periodismo é a fabricação da informação e a fabricação da opinião. E quando a informação e a opinião se sacralizam, quando ocupam todo o espaço do acontecer, então o sujeito individual não é outra coisa que o suporte informado da opinião individual, e o sujeito coletivo, esse que teria de fazer a história segundo os velhos marxistas, não é outra coisa que o suporte informado da opinião pública. Quer

dizer, um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião, um sujeito incapaz de experiência (BONDÍA, 2002, p. 19).

Jorge Larrosa Bondía pondera que o saber advindo da experiência é o saber da singularidade, “pois ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular” (BONDÍA, 2002, p. 27). E isto encontra uma aproximação com as ideias de GENRO FILHO (2000) e MEDITSCH (1998), sobre a compreensão do Jornalismo como uma forma de conhecimento da singularidade. Mas, na visão complexa, é importante destacar que a singularidade só importa por sua relação dialógica com a particularidade e a universalidade, espaço dos desejos profundos de humanização (LOPES, 1997; MEDINA, 1996).

Por fim, é importante a distinção que Jorge Larrosa Bondía faz entre *experiência* e *experimento*, para o entendimento de como a primeira embute uma visão epistemológica complexa, enquanto o segundo traduz a mentalidade racionalista:

A segunda nota sobre o saber da experiência pretende evitar a confusão de experiência com experimento ou, se quiser, limpar a palavra experiência de suas contaminações empíricas e experimentais, de suas conotações metodológicas e metodologizantes. Se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade. (...) Se o experimento é repetível, a experiência é irrepetível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é predível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. (...) a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (BONDÍA, 2002, p. 28).

## **Considerações finais**

Ao fim a ao cabo, esta breve reflexão pretende provocar discussões para a busca de uma qualificação substantiva tanto da prática jornalística, quanto do seu ensino e pesquisa na universidade. Primeiro, com a crítica às concepções clássicas de notícia e noticiabilidade para, em um segundo momento,

pensarmos não mais em conceitos refletos dos esquemas pré-estabelecidos, mas a partir de ideias advindas da experiência dialógica. Pensar e construir essa proposta qualificadora constitui uma intervenção social relevante, considerando a importância do Jornalismo como uma prática profissional responsável pela mediação cultural na sociedade, mas sobretudo por sua característica epistemológica de produzir conhecimento a respeito do cotidiano compartilhado por essa mesma sociedade.

Qualificar a prática jornalística, portanto, redundaria em qualificar a Epistemologia do Jornalismo e, conseqüentemente, os saberes aí produzidos.

### **Referências Bibliográficas**

ALSINA, M.R. **La construcción de la noticia**. Ed. rev. e ampl. Barcelona: Paidós, 2005.

BELAU, A.F. **La ciencia periodística de Otto Groth**. Pamplona: Universidad de Navarra, 1966.

CASASÚS, J.M. **Iniciación a la periodística**. Barcelona: Teide, 1988.

CHAPARRO, M.C. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: percursos e géneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém, Portugal: Jortejo, 1998.

CORREIA, J.C. **O admirável mundo das notícias** – teorias e métodos. Covilhã: LabCom Books, 2011.

\_\_\_\_\_. **Teoria e crítica do discurso noticioso** – notas sobre Jornalismo e representações sociais. Covilhã: LabCom Books, 2009.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo e espaço público**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 1998.

BONDÍA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, n. 19, p. 20-8, jan.-abr. 2002.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Disponível em: <<http://www.adelmo.com.br/bibt>>. Acesso em: 05 jul. 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

- ITUASSU, Arthur. Epistemologia e jornalismo: a falência da objetividade. **ALCEU**, vol. 6, n. 11, jul.-dez. 2005, p. 87-95.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- KARAM, F.J. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.
- LOPES, M.J.A. **Epistemologia do jornalismo litigioso**. Revista Comunicações & Artes. São Paulo, n. 32, p. 25-36, set.-dez. 1997.
- MAFFESOLI, M. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- \_\_\_\_\_. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Pre-textos: conversaciones sobre la comunicación y sus contextos**. 2 ed. Santiago de Cali: Universidad del Valle, 1996.
- McCOMBS, M. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MEDINA, C. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.
- \_\_\_\_\_. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Povo e personagem**. Canoas: Ulbra, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2 ed. São Paulo: Summus, 1988.
- \_\_\_\_\_.; GRECO, M. (orgs.). **Do hemisfério Sol: o discurso fragmentalista da ciência**. São Paulo: ECA-USP; CNPq, 1993.
- \_\_\_\_\_.; LEANDRO, P.R. **A arte de tecer o presente**. Edição fac-similar. São Paulo: Média, 1973.
- MEDITSCH, E. Jornalismo como forma de conhecimento. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, vol. XXI, n. 1, p. 25-38, jan.-jun. 1998.
- MIRANDA, J.A.B. **Analítica da actualidade**. Lisboa: Vega, 1994.
- MORETZSOHN, S. **Pensando contra os fatos – Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- \_\_\_\_\_. O problema epistemológico da complexidade. 3. ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2002.
- PONTE, C. **Para entender as notícias**: linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.
- RODRIGUES, A.D. **Estratégias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Comunicação e cultura**: a experiência cultural na era da informação. Lisboa: Presença, 1994.
- SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SERRA, P. **Informação e sentido** – o estatuto epistemológico da informação. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.
- SOUSA, M.W. de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SPONHOLZ, L. **Jornalismo, conhecimento e objetividade** – além do espelho e das construções. Florianópolis: Insular, 2009.
- TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. Vol. II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo**. Vol. I: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.
- WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.